

Desnudamento

Kotiro



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

*Dedico este livro a todos os meus dias cinzentos e belos, que me deram sentimentos necessários
para a criação dessas simples obras.*

Sobre o autor

Pessoa que deseja alcançar o mundo com suas palavras.

resumo

É só um dia

Não sei dizer adeus

A Passagem

Alienados

Pecado

Mutilação

As vezes

Aqui e agora

Memória da Ansiedade

O grito

EU

Sonho

Ondas

Osicran I

O existir negro

Osicran II

sono

Buraco negro

O outro

Acaso

Espelho

Nilo e Saturno

Desabafo de um dia comum

Vazio

É só um dia

O céu azul, sol de início da tarde
Um sentimento que me faz sentir, assim, bem?
Está estranho e tão normal.
Uma música, que parece se encaixar perfeitamente nesse momento,
Ecoa por todo meu quarto,
Invadindo cada célula do meu estranho ser.
Palavras, desejam ir para o papel, querem ganhar vida,
Serem lidas e relidas, fazer parte desse excêntrico dia.
Sinto que irei transpassar e ao mesmo tempo, me encaixar em algum lugar.
Queria me manter aqui, assim
Quieta, inteira, aconchegante
Na chuva, no vento, no sentimento
Nesse breve momento,
Simplesmente, bem.

Não sei dizer adeus

As vezes eu queria te dizer o quanto lamento, o quanto te quero, o quanto te odeio.
O quanto sua presença faz falta, o quanto o silêncio acalma
O quanto amava seu sorriso, e o quanto já me esqueci do que tinha graça
Que um toque pode ultrapassar a alma, que pode ser mais frio que a antártica.
Me arrependo de sempre me arrepender
e odeio o tanto que odeio e desejo você
Noites em claro, dias escuros
O amor é uma droga, ou melhor, um câncer,
Te fere, te machuca, mas não te mata.
Porque um cadáver não ama,
E nisso o invejo, não sentir, não chorar, não respirar.
Agora, não quero te dizer mais nada, não saberia o que falar,
Não falamos o mesmo idioma.
No fim, nunca fomos nada,
Eu sou uma borboleta, com a asa quebrada,
Você, uma criança levada.

A Passagem

Tudo foi desbotando

Vozes, imagens, sentimentos

Pessoas transeuntes, momentos ausentes

Promessas rasas, rios profundos

Tempestades quietas, palavras devastadoras

Olhos, risos, toques

Para onde foram? Me pego a pensar.

E então, alguém me diz, como um sussurro: - *"Foram todos para o caos e vazio de Nun, de onde nunca mais poderá retornar."*

Paro, penso, me acomodo,

Talvez seja melhor assim.

É a ordem natural das coisas.

Tudo está desbotando, ficando escuro, frio

Mais uma vez a voz se dirige a mim: - *"Osíris está a nos esperar."*

Alienados

Eu vi
Seres alienados
Que só viam o que lhes era permitido
Só entendiam o que lhes era ordenado

Eu vi
Seres alienados
Que só viam o mal e o bem
O bem do bom, o mal do mau

Eu vi
Seres alienados
Com seus discursos já formados
Com suas armas preparadas

Eu vi
Seres alienados
Um bicho na imundície do pátio,
Nada examinava, só devorava
Devorava verdades absolutas
Mentiras condenáveis

Eu vi, eu senti
Seus ossos de dogmas, suor fétido de preconceito.
Seus desejos profanos, sua infinita ignorância.

Pecado

Pecados,
Cometemos tantos,
Quem cobra? E o que cobra aos pecadores?
Pecados,
O mundo está cheio,
Hiperbólico, crescente, total
Quem realmente paga seus pecados?
Viver é pecado? Ou a sentença?
Estamos cheios de pecados,
Do mesmo jeito que estamos cheios de átomos e
solidão.
Pecados, pecados
Pecaminosos, repudiados, indecentes, condenáveis
Quem vive sem pecado,
Não vive. Não come. Não ama.
Pecado,
Somos feitos por ele, vivemos com ele e morremos para
pagá-lo
Somos, inevitáveis, pecadores.

Mutilação

Corto a carne, rasgo a pele
O que sai, não é sangue, mas dores e tristezas.
Pedacos de memórias escorrem,
Cobrem todo meu corpo,
E isso me causa grande consternação,
Tento limpar, apagar, tudo que em mim se cravou,
Foi tudo em vão, como tentar limpar o sangue que caiu no tapete.
Abro meu peito e vejo
Não existe nada, existe abismo.
Eu olhei tanto para ele, que ele agora me observa, me causando calafrios
"De onde veio tanta escuridão?"
Continuo a cortar, arranhar
Nada encontro.
"Mas, o que eu estou procurando?"
Arranco meus olhos, para tentar ver meu ser
Decepo meu braço, para tentar tocar minh'alma
Abro-me e viro-me ao avesso, como roupa estendida no varal
Meus órgãos, inúteis bugigangas
Minhas entranhas estão a mostra, e fedem
Deixo tudo espalhado pelo chão e moscas ameaçam devorar-me,
Decido procurar minuciosamente, em cada célula, em cada átomo
"O que estou procurando?"
Essa pergunta me rodeia, me assusta
Por, possivelmente, já saber a resposta.

As vezes

*Às vezes imagino-me longe
Às vezes imagino-me perto
Por vezes sinto-me inteira
Outras, vejo apenas migalhas
Mas, quem sou eu?
Vejo cores, às vezes
Outras, a mim, só resta a escuridão
Sinto-me perdida
Mas, sempre me encontro, e torno a perder o rumo
Para onde vou?
Toco e posso sentir, o áspero, macio e o sólido
Cheiro, e queimo minhas narinas com suaves odores
O que sinto?
Estou viva, por respirar
Estou morta, por nada sentir
Sou ou não sou?
Sentir ou esquecer?
Sentir é viver?*

Aqui e agora

Luz solar entrando pela janela
Está quente, em vão trabalha o ventilador
Na escrivaninha, a caixinha vermelha, o porta retrato, a garrafa vazia
Vários lápis de cor
Cadernos, livros, diários
E o ukulele, repousa ao lado da flor.
Aqui e agora, neste quarto
Estou a escrever o que vejo,
Mas queria eu escrever o que sinto
Dizer o quanto dói a queimadura,
O quanto aperta o coração no meu peito
Mas parecem ser coisas irreveláveis,
Então escrevo o que está bem a minha frente.
O lápis, o papel, o estojo, a luminária,
O livro que não entendi,
O urso que não tirei da embalagem,
Minha tia na cozinha, fazendo o almoço
E eu aqui, tentando escrever uma simples poesia.

Memória da Ansiedade

Aquele dia,
Lembro apenas da visão
Eu olhava para a enfermeira, (Sueli, era esse seu nome)
De forma que ela entendesse que eu precisava de ajuda
O que lembro, é apenas o que vi,
Enfermeiros a minha frente,
Apontavam para os cortes no meu braço esquerdo
Sinalizavam com a mão para que eu me acalmasse, em vão
Apenas essa visão, restou em minha memória
E o olhar de Sueli, aquele olhar de compaixão,
Como se também pudesse sentir a minha dor, a dor da alma
Apenas isso, como se eu estivesse presa em uma cena de cinema mudo.
Pois o grito, que outrora havia ecoado por todo o hospital
Se silenciou, se perdeu entre milhões de átomos, entre metros de vácuo
Mas ele nunca parou, nem perdeu força
Não consigo ouvi-lo,
Mas está "lá" dentro,
E uma hora, ele vai ressoar no mundo, pela última vez.

O grito

O grito

Grave, agudo

Alto ressoa

No vácuo

No mundo

Em mim

Silencia

EU

Quando não se sabe quem é
Não sabe o que chamar de lar,
Não se sabe a quem chamar de amigo.
Quando não se sabe quem é,
Não sabe como amar e a quem amar.
Quando não se sabe quem é,
Tudo que deseja, é deixar de ser um desconhecido para si mesmo.
É querer parar de andar sem rumo,
Simplesmente saber responder:
QUEM EU SOU?

Sonho

*Sonhei com você ontem a noite
Eu estava a te atrair
E você a fingir, que eu não estava ali.
Eu te toquei, te beijei
Porém, não conseguir sentir
Era por ser um sonho?
Por ser apenas minha imaginação?
Só sei que quando acordei, você não estava aqui.
Decidi voltar a dormir, achei que poderia continuar meu lindo sonho
Olhar nos seus olhos, sentir seu cheiro
Mas, ao fechar os olhos, só via escuridão.
Eu estava sozinha, então.*

Ondas

Ela já veio antes
Me pegou, me derrubou, me encharcou
A culpa, o remorso, o trauma
Vieram como uma onda, um tsunami.
E lá vem ela, novamente,
Sinto sua água fria congelando meus ossos,
Sinto seu cheiro de sal e dor
Veio me ferir, me acabar, me desbotar
Lavou todo brilho do meu ser,
Limpou toda cor do meu olhar,
Me trouxe a memória, tudo que lutei para esquecer
Desde então, me sufoco em lembranças,
Me afogo em lágrimas.
Meu corpo agora, se encontra à deriva
Boiando em alto mar.
Estou congelada, traumatizada
Tudo que consigo fazer é esperar,
esperar ser levado pelas ondas novamente,
Ou simplesmente, morrer no mar.

Osicran I

**[Minh'alma repousa,
Dorme na margem do rio
No espelho de Narciso,
Chama-me e eu não respondo,
Geme e não dou atenção
Chora por não conseguir me ludibriar e me devorar.]**

O existir negro

O que há nesse povo, que causa tanto temor?

O que há em vossas mentes, que possa causar terror?

Oh filhos da terra, mulheres e homens de além

Vós, sois o trigo desta terra

São filhos do café, do chão, do suor.

Como cana, nasce e cresce do labor.

Vós, sois o trigo desta terra,

São filhos da dor, do riso, do tambor

Batuques de atabaques ressoam em seus peitos, que nunca param, nunca descansam, tocam para alimentar sua própria alma.

Vós, sois o trigo desta terra,

O sal deste mundo, a própria luz

Em vão, são chamados de escuridão.

Quem dera eles pudessem ter a escuridão como tema da própria cor, o negro, o vasto infinito, o universo.

Ao céu chegou o vosso clamor, oh povo negro

Não te cales, nunca te escondas.

Sois donos de risos de agonia,

De olhos que enxergam o esplendor,

De pés que tombam, mas que nunca desfalecem,

De corpos, que sentem o ardor do mundo.

Osicran II

Como Narciso, estou a contemplar a criatura no espelho do rio
Mas diferente dele, não estou contemplando minha infinita beleza, a qual não possuo
Tento ver algo mais, ver minha alma.
Ela repousa,
Dorme na margem do rio, do lado contrário ao meu
Ao me ver, ali observando-a
Chama-me, mas não consigo ouvi-la
Estica-se, mas não consegue me tocar
E então geme, mas não consigo consolá-la.
É nítido seu sofrimento, por não conseguir se libertar
E eu também choro,
Meu corpo ainda não é seu lar, precisa transcender, para te abrigar.

sono

[Quero
que
minha
consciência
enquanto
durmo,
seja
minha
real
existência]

Buraco negro

Quando eu olho pra Deus, eu vejo o vazio

Quando eu olho pra Deus, enxergo um buraco de minhoca

Onde todos que se aproximam, são imediatamente sugados

Sugadas as suas vidas, [seus pensamentos, suas singularidades, suas perspectivas.

E então, eles se tornam clones de Deus.

O outro

O outro é um Universo

O tudo e o nada

A certeza do incerto

A escuridão durante o dia.

Acaso

Para o tempo, quem nasceu e quem deixou de nascer possuem o mesmo fim, chamado Autômaton.

Espelho

*"Quando eu olho pra Deus, eu vejo o vazio
Quando eu olho pra Deus, enxergo um buraco de minhoca
Onde todos que chegam perto dele, são imediatamente sugados
Sugadas as suas vidas, seus pensamentos, suas singularidades, suas perspectivas.
E então, se tornam clones de Deus."*

Nilo Makori

Ao acordar, se olhou no espelho e viu outros iguais a ele.
Se lavou e trocou suas roupas, não as reconheceu, mas supôs serem suas.
Não reconheceu sua casa, nem sua rua, "eu moro aqui".
Não sabia o que fazer no seu trabalho e ainda assim, bateu a meta do dia.
Ao retornar para casa, não percebeu que eram os seus pés que o guiavam e num instante se deparou em frente a um templo, mas ele não sabia rezar e assim, conseguiu "pregar" a palavra e "libertou" almas.
Ao fim do culto, voltou para casa.
E antes de pegar no sono, orou mais uma vez para um Deus que nunca conheceu, mas sabia bem como era, e pensou: "eu sou um filho de Deus" e logo adormeceu.
Ao acordar, se olhou no espelho e viu outras iguais a ela.
Se lavou e trocou suas estranhas e familiares roupas, foi até a cozinha e preparou o café, seu marido logo acordaria, precisava deixar tudo pronto para que ele se alimentasse antes de ir trabalhar. Lavou a louça, arrumou a casa, a sua casa, "eu moro aqui."
Aquela rua, não parecia ser conhecida, mas ela não se perdeu, pegou aquele desconhecido ônibus e desceu no desconhecido ponto.
Ao chegar na casa da patroa, se pôs a limpar, não errou os cômodos, nem o que devia cozinhar. Não sabia nada e ainda assim, se saiu bem, como de costume.
Ao fim do dia, não se sabe como, mas ela já estava no templo, de joelho rezava a um Deus desconhecido, por pessoas desconhecidas, por assuntos desconhecidos, que lhe eram conhecidos. Ao fim, cumprimentou a todos os desconhecidos conhecidos e retornou ao seu lar.
Em casa, foi possuída por seu desconhecido marido e, ao terminar, virou-se para o seu lado da cama e pensou: "sou filha de Deus" e dormiu.
Ao acordar, se olhou no espelho e viu outros iguais a ele...

Nilo e Saturno

Ele é o rio que nasceu no caminho.

Em seu longo leito, espelhava-se a lua e as estrelas, a urso maior era sua guia, que só ele podia vislumbrar.

Então um dia, foi guiado até Saturno e amou, como nunca tinha imaginado.

O amor foi tão grande, que Saturno está marcado em um dos seus braços até hoje.

.....

Ela era Saturno, estava sempre deslumbrante com seus anéis galácticos.

Estava só, mas não solitária.

Não buscava um amor, mas ele a encontrou.

Ele era lindo, em seu corpo tinham flores e estrelas, e então percebeu que sua imagem também era refletida.

Ao ver Nilo, o amou, pois ninguém nunca havia mostrado a ela, a beleza que possuía.

Desabafo de um dia comum

Que a insanidade dos meus dias, seja a minha parte mais lúcida
Que meu lado errado, seja a parte mais certa e real.
Que meus sonhos sejam minha existência, onde neles posso repousar
Onde anjos são negros e cantam por mim
eles celebram o dia, o sol e a lua.
Fantasmas ficam a solta
Não assustam, não sofrem
Vivem seus ideais.
Quem pode dizer que não somos demônios de seres de outra dimensão?
Quem pode dizer que não somos deuses irreais?

Vazio

O vazio escorre, preenche, invade.

Onde falta vida, sobra vazio

Onde o sangue esvai, o vazio adentra.

Mas quem disse que precisa estar morto, para se estar vazio?